

FILOSOFIA DA TRADUÇÃO: DE WALTER BENJAMIN E VILÉM FLUSSER

Rita Diogo (UERJ)

Neste trabalho, realizo um estudo comparativo entre a filosofia de Walter Benjamin e a de Vilém Flusser em torno da tradução. Parto do pressuposto de que a filosofia da linguagem em Flusser e em Benjamin se complementam, na medida em que ao estudá-los em perspectiva comparativista temos a oportunidade de unir, respectivamente, a abordagem fenomenológica à teológica, pois se o primeiro discorre sobre a língua e a tradução nos estreitos limites da história, o segundo utiliza-se da perspectiva messiânica para ir além dos dados empíricos.

Assim, apesar de Flusser asseverar a impossibilidade de uma tradução autêntica entre os três tipos de línguas existentes, as flexionais, as isolantes e as aglutinantes, admite que “a conversação entre elas não é de todo impossível”. (2007, p. 66). Segundo o filósofo, isto ocorre porque certamente há um fundamento “quase inarticulado comum aos três sistemas”, que ele chama de “espectro” de uma língua única hipotética da qual todas as demais teriam surgido. No entanto, para ele, pensar a partir desta perspectiva é considerar que existiu um estágio paradisíaco da língua, antes da Torre de Babel, e isto já seria assumir uma abordagem para além da história, a qual Flusser nega seguir.

Por outro lado, essa mesma abordagem negada por Flusser pode ser observada na obra *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem* (2011), certamente um dos estudos que nos permite perceber a importância que o aspecto teológico possui na construção do pensamento filosófico benjaminiano, visto que ao especular sobre a origem da linguagem, Benjamin recorre ao *Gênesis*, onde destaca a estreita relação entre Deus, o verbo e a criação.

Por fim, recorro ao modelo do espelho, parte inerente à filosofia da tradução em Flusser (2010), como método de construção deste trabalho, a fim de colocar os escritos sobre tradução dos filósofos em estudo frente a frente.

Palavras-chave: Tradução. Filosofia. Vilém Flusser. Walter Benjamin

O presente trabalho parte do estudo comparativista entre os conceitos de tradução propostos por Walter Benjamin e Vilém Flusser. Para tanto, tentarei aplicar como método o modelo do espelho (GULDIN, 2010, p. 109-124) desenvolvido pelo

segundo filósofo, de modo que, num primeiro momento, Flusser seja colocado diante do espelho de Benjamin, a fim de que os reflexos daí resultantes nos revelem aspectos não-visíveis ou ainda não percebidos do pensamento flusseriano. O movimento realizado por dito modelo equivale ao método de tradução praticado pelo filósofo tcheco, visto que após escrever seus artigos, ele os vertia para outra língua, a qual, por sua vez, oferecia-lhe novas perspectivas sobre o texto original, a partir das quais Flusser retraduzia para a língua de partida, quando então acrescentava-lhe informações, complementando-o a partir das contribuições da segunda língua.

A tradução é um tema central na filosofia de Flusser e está estreitamente relacionada a sua biografia, levando-me a trabalhar a partir da hipótese de que as diferenças existentes entre a sua trajetória de homem apátrida e essa mesma trajetória em Benjamin estão na base das também diferenças entre os seus respectivos pensamentos. Assim, ao colocar Vilém Flusser no espelho de Walter Benjamin, vejo na imagem refletida a história de dois judeus alemães, que como milhares de outros, foram submetidos à exclusão, à marginalidade e à morte, física ou cultural, por mais um projeto civilizatório europeu, em cuja base estavam presentes conceitos como os de raça e de nacionalidade.

No entanto, suas respectivas origens e histórias de exílio foram bastante diferentes. Enquanto Benjamin é originário de uma das cidades mais importantes da Europa, nasce em Berlim, em 1892, Flusser nasce em Praga, em 1920, então uma cidade europeia provinciana. Contudo, a condição central da cidade de Benjamin também o levou, em 1933, a viver o surgimento e a perseguição nazista de uma forma muito mais próxima e intensa do que a Praga de Flusser, época em que o filósofo alemão exila-se definitivamente em outra cidade europeia de traços tão imperialistas quanto a sua Berlim natal, Paris. Flusser, por outro lado, depois de vivenciar a morte de toda a sua família, foge com sua mulher e sogros para um país periférico, o Brasil, que irá, em vários momentos de seu exílio, remetê-lo à cidade onde nasceu.

O fato é que suas respectivas opções serão fundamentais para o desfecho de suas trajetórias de exílio, pois ao permanecer em solo europeu, o filósofo alemão, apesar de fugir do nazismo, não abandona o espaço geopolítico de seu surgimento –lembro que segundo o pensamento flusseriano, contando com a indispensável distância temporal que infelizmente não foi concedida ao seu colega alemão, Auschwitz não representa

uma anomalia, pelo contrário, está desde o início inscrito no programa da cultura ocidental como uma de suas possibilidades mais terríveis (FLUSSER, 2011, p. 21). O filósofo tcheco, por outro lado, escolhe um espaço cujo programa histórico-cultural, como ele parece querer apontar em várias passagens, ainda estaria/está por realizar-se.

Nesse sentido, passo a desenvolver duas metáforas criadas por Vilém Flusser, as quais parecem traduzir com bastante fidelidade a diferença acima citada, que, por sua vez, e segundo minha hipótese, estão na base do tratamento que cada um dos filósofos em estudo deu ao tema da tradução, quais sejam, a “metáfora do naufrágio” e a “metáfora da viagem do navio”.

Se tanto Flusser quanto Benjamin vivenciaram a primeira metáfora, não podemos afirmar o mesmo no que se refere à segunda. Ambos foram lançados no abismo da apatridade, no mar revolto da falta de esperança, onde não há “terra à vista”, se não o oceano sem fim da falta de sentido, perfeitamente compreensível na sentença que passa a definir Benjamin após a ocupação definitiva da França por parte da Alemanha nazista: “estrangeiro de nacionalidade indeterminada mas de origem alemã”.

Para Flusser, felizmente, as “ondas da absurdidade” acabam lançando-o nas costas brasileiras, quando então a “metáfora do naufrágio” começa a metamorfosear-se na “metáfora da viagem de navio”, nesse “trans-portal-se”, imagem que ele usa para definir o seu encontro com a língua portuguesa (GULDIN, 2010, p. 35). Sua experiência como refugiado tcheco em solo brasileiro levou-o a compreender a tradução como uma forma de superar o desenraizamento, de transformá-lo em pátria de segundo grau, convertendo o que inicialmente poderia se instalar como simples perda numa abundância de pátrias.

Voltando ao modelo do espelho, a filosofia de Benjamin sobre a linguagem, com uma base profundamente teológica, parece nos devolver o pensamento de Flusser com certo estranhamento, especialmente por sua dimensão existencialista e fenomenológica, que o leva a transformar a tradução num método de vida característico do apátrida. Um estranhamento que, por sua vez, acusa a diferença entre suas respectivas trajetórias pós-exílio, visto que o caráter prático, até mesmo cotidiano, da tradução no filósofo tcheco está diretamente relacionada a sua vivência com a língua portuguesa e sua permanência como estrangeiro no Brasil.

No entanto, estas mesmas imagens refletidas demonstram que apesar do caráter teórico da filosofia da linguagem benjaminiana, as sementes da ideia da tradução como método de vida, acima mencionado, de alguma forma já estavam aí presentes. Por outro lado, este mesmo fato deve nos levar a relativizar a ideia do pensamento de Benjamin como essencialmente teológico e/ou teórico, especialmente se consideramos sua imaginação profundamente dialética, por meio da qual conseguia unir, por exemplo, messianismo judaico a marxismo. Vejamos, pois, o que o tema da tradução desenvolvido por Walter Benjamin tem a nos falar sobre a filosofia da tradução em Flusser e vice-versa.

A leitura benjaminiana do Gênesis

Tanto em “Sobre a língua em geral e sobre a língua do homem” (BENJAMIN, 2011) como em “A tarefa do tradutor” (BENJAMIN, 2008), percebemos uma forte referência à teologia judaica que empresta à escrita benjaminiana um viés oblíquo e muitas vezes obscuro, mas ao mesmo tempo bastante coerente com o tema sobre o qual discorre: a linguagem e a tradução.

Digo coerente, na medida em que Benjamin nos fala sobre a perda da imediaticidade do verbo criador e de seu poder de nomear, ou seja, da coincidência entre a palavra e a essência. Com a ruptura do pecado original, a língua adâmica se fragmenta na multiplicidade das línguas, nos lançando no caos linguístico de Babel, e ao mesmo tempo, no labirinto sem fim da significação, da mediação infinita do conhecimento. Cada língua busca, assim, à sua maneira, reencontrar este sentido pleno do verbo criador, o qual se manifesta especialmente por meio da tradução, quando então a insuficiência de nossa língua para significar emerge com toda força.

Se a perda da imediaticidade da palavra, de seu poder nomeador, aparece em Benjamin envolto numa abordagem teológica, em Flusser esta mesma consciência se expressa por meio da fenomenologia. Ao comparar o Eu com a imagem de uma árvore, este filósofo explicita a forma pela qual acedemos aos dados brutos, ou seja, mediados pela palavra: os dados brutos “ancorados no chão da realidade” (2007, p. 48) nos chegam pelos sentidos, as raízes dessa árvore, “cujo tronco, o intelecto, transporta a seiva colhida pelas raízes”, ao mesmo tempo em que a transforma em palavras. A perda da imediaticidade já referida por Benjamin fica explícita quando Flusser afirma que para

o intelecto, o espaço existente entre os dados brutos e as palavras representa um abismo intransponível.

Por outro lado, se a mediação entre o homem e o mundo se dá por meio da palavra, Flusser conclui que língua é realidade, nos oferecendo assim, uma nova perspectiva diante da relação entre os aspectos linguísticos e culturais, que se evidencia, especialmente, por meio da intraduzibilidade, quando então percebemos o caráter eminentemente cultural, porque ancorado em dada realidade, de certas expressões e/ou palavras.

Se virarmos o espelho em direção a Walter Benjamin, refletindo-o na filosofia de Flusser, numa perspectiva sincrônica, veremos que, em “A Tarefa do tradutor”, o primeiro complementa o segundo quanto ao aspecto cultural das palavras: ao comparar a palavra alemã “Brot” e a palavra francesa “pain”, ele afirma que apesar de possuírem o mesmo significado, pão, ou seja, apesar de “o designado” ser o mesmo, “o modo de designar” não o é: “está implícito, pois, no modo de designar, o fato de que ambas as palavras possuem diferentes significações, para um alemão e para um francês, respectivamente...” (2008, p. 72).

Na verdade, na passagem acima citada, o filósofo alemão, ao mesmo tempo em que aponta para a incompletude das línguas, demonstra a possibilidade de complementação entre elas. Algo que só pode ser percebido por meio da prática tradutória; por isso, seu caráter redentor, a promessa da concórdia, da compreensão mútua, da construção “de uma multiplicidade amigável e generosa”, que, vale destacar, deve realizar-se dentro dos limites da história. (GAGNEBIN, 2007, p. 28).

Exílio, apatridade e multiplicidade das línguas

Em Walter Benjamin, a multiplicidade das línguas ganha, assim, um aspecto positivo, que nos é revelado, como apontado acima, especialmente pela tradução, na medida em que esta relativiza o caráter aparentemente absoluto da língua nativa. A busca pela palavra ou expressão mais adequada quando traduzimos o original nos leva a nos distanciarmos de nossa própria língua, a nos exilarmos dela, quando então somos atirados ao abismo do nada, da arbitrariedade das línguas e das linguagens.

Assim, ao contrário do perfeito encaixe entre a semente e o fruto, Benjamin se utiliza da metáfora da ruptura do vaso para nos falar do caráter incompleto das línguas

históricas, bem como da promessa de compreensão mútua potencialmente presente na tradução:

Assim como os cacos de um vaso, para poderem ser recompostos, devem seguir-se uns aos outros nos menores detalhes, mas sem se igualar, a tradução deve, ao invés de procurar assemelhar-se ao sentido do original, ir configurando, em sua própria língua, amorosamente, chegando até aos mínimos detalhes, o modo de designar do original, fazendo assim com que ambos sejam reconhecidos como fragmentos de uma língua maior, como cacos são fragmentos de um vaso. (BENJAMIN, 2008, p. 77).

Nesse sentido, se a tradução nos lança no abismo que mede a distância e as diferenças entre as línguas, somente quando abrimos a porta para o outro, quando atravessamos a ponte e pisamos amorosamente em território alheio, quando, enfim, ousamos ser e sentir a alteridade, nos redimimos da queda e conquistamos a salvação.

No espelho de Vilém Flusser, essas imagens benjaminianas são devolvidas sob a forma de um modelo de vida apátrida, por meio do qual o filósofo tcheco propõe que vivamos num permanente nomadismo entre línguas, aprendendo e apreendendo com elas novas perspectivas, integrando a partir de uma confrontação sempre respeitosa e amorosa novos saberes. Um modelo que implica um movimento constante de criar e recriar, para além de hierarquias, cânones e demais conceitos obstruidores do diálogo.

As contribuições de seu pensamento para nós, latino-americanos, são muitas e ainda pouca exploradas, pois, mais do que ser, Flusser nos convida a estar, a nos despir de qualquer sentimento de nacionalidade, de pátria, substituindo o “entre-lugar” pelo “saltar” (GULDIN, 2010, p. 145); saltar por entre nossos abismos, nossas línguas, nossas culturas e ciências; saltar, enfim, as inúmeras fronteiras que herdamos da colonização, para então construirmos, nas palavras do filósofo, o “homem novo”, na verdade, um homem sempre em construção.

Referências

BENJAMIN, Walter. A tarefa-renúncia do tradutor. In: BRANCO, Lucia Castello (Org.). *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português*. Tradução de Susana Kampff Lages. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008, p. 66-81.

_____. Sobre a linguagem em geral e a linguagem do homem. In: *Escritos sobre mito e linguagem*. GAGNEBIN, Jeanne Marie. (Org., apres. e notas). Trad. Susana Kampff Lages. São Paulo: Editora 34, 2011, p. 49-73.

FLUSSER, Vilém. *Língua e realidade*. 3 ed. São Paulo: AnnaBlume, 2007.

_____. *Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar*. São Paulo: Annablume, 2011.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

GULDIN, Rainer. *Pensar entre línguas: a teoria da tradução de Vilém Flusser*. Tradução de Murilo Jardelino da Costa e Clélia Barqueta. São Paulo: Annablume, 2010.